

# felisberta

#1



maceió – salvador  
setembro  
2020

*Olá, bem-vindes!*

*Felisberta é um zine editado por Clarisse Lyra e Eduarda Rocha! Não sabemos diagramar, nem desenhar, então nossa edição #1 vai ser assim mesmo! VIVA A PRECARIÉDADE!*

*Neste #1, uma carta de Fernanda Laguna para Dilma Rousseff, traduzida por Eduarda Rocha, que também escreveu uma resposta da carta para Fernanda.*

*Vamos começar uma política epistolar?*

**AGORA!**

# CENSURA!

Em 2010, a bienal de São Paulo tinha como tema arte e política. O artista argentino Roberto Jacoby foi convidado para participar da edição e trouxe um coletivo de 27 artistas e intelectuais argentines, autodenominadas como Brigada Internacional Argentina. O grupo montou uma espécie de *bunker* que simulava um comitê de campanha de Dilma em que distribuía materiais como adesivos, broches e panfletos, a favor da candidata, e usavam camisetas em apoio a ela. O painel abaixo, intitulado *A alma nunca pensa sem imagem*, foi censurado pelo Ministério Público, considerado como material de campanha política. Os artistas foram denunciados pela curadoria da bienal, a mesma que fez o convite para que eles participassem e que incluiu a obra censurada no catálogo. Me chama a atenção que a imagem censurada traga Dilma usando um chapéu com a bandeira de Pernambuco. A classe média alta paulistana soa como a personificação dos motoqueiros de Bacurau.

Fernanda Laguna era uma das artistas integrantes da Brigada e escreveu uma carta para Dilma que, hoje, 4 de setembro de 2020, completa 10 anos. Na ocasião, ela montou um mural em que as/os visitantes podiam colar suas cartas na parede. Como não pude ir a bienal em 2010, respondo hoje a proposição de Fernanda em forma de carta-zine e traduzo a carta dela para o português.



## ***No campo das incertezas cabem todas as possibilidades do mundo***

para Fernanda Laguna

Maceió, 4 de setembro de 2020

Oi, Fer! Há 10 anos você escreveu uma carta para a Dilma, a pedido do Roberto Jacoby, para a bienal de São Paulo. Em um 4 de setembro, como hoje. Quer dizer, nem tanto, de lá para cá, tanta coisa mudou. Você dizia ao final da carta que as pessoas que se animassem poderiam escrever para você. Ainda dá tempo? Espero que sim. Hoje, em um mundo tão informatizado, cheio de redes sociais, de aplicativos de videochamadas, aqui estou eu escrevendo uma carta. Bom, eu não poderia ter te respondido em 2010, porque não fui à bienal. Na verdade, nunca fui a nenhuma bienal de artes, mas acredito em tudo que você falou sobre a caretice e as paredes de gesso. Eu moro bem longe de São Paulo. Mais precisamente a 2423 km, em uma cidade chamada Maceió, no Nordeste do Brasil. Minha cidade é muito linda, tem umas praias incríveis e o melhor: a água é morna. Aqui não existe inverno, é verão o ano todo. A única diferença é que o calor diminui e chove um pouco. Eu moro num bairro chamado Pinheiro que foi destruído pela mineração em área urbana e está se transformando em um bairro fantasma. Várias casas foram lacradas e as pessoas foram obrigadas a se mudar. Terrível. Dizem que toda a área vai afundar e que minha casa está fora da área de risco. Me chama a atenção que não saia nada na mídia nacional sobre três bairros (Pinheiro, Bebedouro e Mutange) que estão deixando de existir em uma cidade com mais de 1 milhão de habitantes. Ninguém está falando sobre isso.

Bom, em 2010, eu tinha 19 anos, havia começado há 1 ano o curso de Letras/Espanhol e aquela foi a primeira eleição presidencial em que pude votar. Eu estava feliz por poder participar, sempre gostei de política. Votei na Dilma com muita alegria, nos dois turnos. Não tive medo nenhum de ser decepcionada por ela, ao contrário de você com a Cristina. Sabe, Fer, o Nordeste é uma das regiões mais pobres do Brasil e, depois do governo Lula, as coisas melhoraram por aqui. Nem tudo é um mar de rosas, mas nenhum outro governo havia feito o que Lula fez por nós. Lula tirou o Brasil do mapa da fome. Às vezes, a classe média tem dificuldade de entender o que isso significa. E até mesmo a esquerda mais radical. Não é pouca coisa retirar pessoas da miséria, dar a elas o que comer. Como vamos reivindicar o que quer que seja enquanto há pessoas passando fome? Foi fácil, para mim, escolher a Dilma para que desse continuidade ao que Lula havia começado. Vivíamos um grande momento nas universidades públicas, muitos investimentos, concursos, bolsas, projetos.

Parece até um sonho comparado ao Brasil de hoje. Eu nunca havia ido sequer a São Paulo e ganhei uma bolsa para estudar um período da faculdade em Salamanca, na Espanha. Eram outros tempos.

Já li um milhão de vezes a sua carta para Dilma, em todas me emocionei bastante. É de uma beleza alucinante como você descreve o nosso país, como relaciona a política ao amor. Sinto saudades desse Brasil potente e da América Latina unida. Aconteceram tantos golpes recentemente. A própria Dilma sofreu um e estamos vivendo as consequências terríveis disso. Toda ruptura democrática vem acompanhada por retrocessos e perda de direitos. O dia da votação do golpe, na câmara de deputados, foi um dos dias mais tristes da minha vida. Não sei se você acompanhou algo pela televisão, mas o discurso deles era assustador. Um torturador foi elogiado naquela ocasião. Ali estava sendo gestado tudo que está acontecendo hoje no Brasil.

Ano passado, estive em Buenos Aires. Pude acompanhar a eleição do Alberto, foi um dos dias mais bonitos dos meses em que estive aí. Me encanta a militância de esquerda da Argentina, vocês me inspiram muito. Hoje, acordei com a notícia de que o governo do Alberto criou um decreto que torna lei as vagas de trabalho para pessoas trans, no setor público. Que alegria imensa, espero que isso aconteça aqui também. Um dia você disse em um poema que queria começar uma revolução, que você seria partícipe de uma muito grande. E, olha só, a profecia se cumpriu. O Ni Una Menos é uma das revoluções mais lindas que estão em curso no mundo. A profecia da sua carta também se cumpriu, quando você antecipou como seria a greve das mulheres. Você sempre tão atenta a tudo. A poesia não seria uma espécie de premonição? Outro dado interessante é que o título incrível de sua carta *Para que el amor y la política funcionen hay que ser valientes* (um mantra), parece ter sido ouvido por Dilma. A campanha dela em 2014 tinha como consigna *Dilma coração valente*. É como se ela tivesse ouvido você e Gilda ao mesmo tempo. “Porque tengo el corazón valiente voy a quererte”.

Voltando para 2010, eu tinha muitos sonhos naquela época. Não é que não os tenha mais, inclusive realizei vários deles. Mas agora as coisas estão muito complicadas por aqui. Neste momento, estou terminando um doutorado e não faço ideia do que vai acontecer em minha vida, pois um dos meus grandes sonhos é ser professora universitária e está tudo muito difícil para a educação pública. Não há perspectiva de concursos. Mas sabe o que é o mais louco de tudo? Não estou apavorada. Sou super ansiosa e não estou tão preocupada quanto acreditei que estaria com esse futuro incerto. Em algum lugar, estou confiando que o universo vai me dar uma pista, uma saída. No campo das incertezas cabem todas as possibilidades do mundo. Tenho me apegado a isso para não enlouquecer e também como forma de sobrevivência. Sempre fui tão controladora com tudo em minha vida, é um exercício libertador viver o descontrolado. Recomendo. Control o no control.

Quando terminei de traduzir sua carta, Fer, chorei bastante. Não saberia te dizer se eram lágrimas de tristeza ou de alegria. Me comove lembrar de uma época mais feliz, me comove a leveza das suas palavras e me deixa triste pensar no Brasil de hoje. Estamos sendo atacados por todos os lados e tentando resistir a tudo isso como podemos. O Nordeste, minha região, não escolheu o projeto fascista que está no poder. Aqui, ele foi derrotado massivamente. Mesmo assim, foi muito apavorante ver como os fascistas estão por todos os lados, às vezes, na sua família, na casa vizinha. As pessoas se sentiram muito à vontade para colocar para fora tudo o que havia de pior dentro delas. Acho que isso é o mais assustador de tudo. Mas, ao menos, estão dando a cara, não é? Agora sabemos quem é quem. Não vai ter volta.

Mas o seu texto, Fer, me dá esperança. Acho que chorei mesmo de alegria. Sabe que posso ouvir a sua voz dizendo todas as palavras que estão na carta? Sempre a leio e imagino você falando tudo que está ali escrito. Ela é tão você. Na verdade, nem nos conhecemos direito. Então, ela é a ideia que tenho de você. Nos vimos algumas vezes em Buenos Aires e fui até a sua casa para te entrevistar. Um fracasso. Eu estava tão nervosa. Devia perguntar coisas acadêmicas, mas a verdade é que só queria conversar bobagens, saber como você estava, rir um pouco. Bom, de fato, rimos. Eu gostei de ter ido, apesar de me sentir meio idiota por não conseguir fazer uma entrevista decente e não ter conseguido te fazer perguntas “interessantes”. O que eu queria mesmo era ter um momento com você. Mas sua presença me paralisa. Não consigo agir naturalmente. Você me parece uma pessoa muito misteriosa, Fer, é estranho. É como se eu te conhecesse e não te conhecesse ao mesmo tempo. Eu conheço os seus poemas, eles são você? Qual é o limite entre a poesia e a vida? Ele existe? A poesia não seria real e irreal ao mesmo tempo? Gosto de romper o pacto ficcional contigo.

Os poemas têm me parecido mais verossímeis que a realidade ultimamente. Acredito mais em um poema seu do que nos jornais ou na televisão. E tenho muito carinho por você, como se fosse uma amiga querida. É meio idiota isso, eu sei, mas é verdade. Tenho o mesmo sentimento por Gilberto Gil. Os seus poemas mexem muito comigo, você postou um no começo da quarentena, quase esqueci que vivemos uma pandemia enquanto te escrevo esta carta, me teletransportei para outro lugar. Bom, mas você postou um poema no começo da quarentena que me fez chorar bastante e eu não sou uma pessoa que chora assim com facilidade, sabe? Sou um pouco coração de pedra. O poema dizia “tudo que é lindo se tinge de feio tão facilmente”. Me sinto assim agora. “Ou será que não havia coisas lindas e a gente acreditava que sim? Como uma alucinação controlada pela vontade de levar tudo para bem longe da dor”. Eu acho que a vontade de levar tudo para bem longe da dor é o que nos salva. Como sobreviveríamos se não fosse por esse esforço diário?

Acho que esta carta já está muito longa e vou começando a me despedir. Será que você vai ler isso um dia, Fer? Será que você vai entender o que está escrito, mesmo estando em português? Será que um dia você vai se animar a me responder? Há algo para ser respondido? Será daqui a 10 anos? O que será que você está fazendo agora? Onde será que estaremos em 2030? Eu estava conversando com uma amiga muito querida, a Clarisse. Nós temos um milhão de projetos idealizados que não colocamos em prática. Mas acho que nos divertimos assim tendo ideias, ela me dizia que, às vezes, a ideia é suficiente, você tem uma grande ideia e fica feliz e excitada e já está feito. Não precisa de mais nada. É genial isso, não é? Mas confesso que gosto de colocar as ideias em prática, deve ser um complexo geminiano. Essa fama que temos de não realizar as coisas, eu gosto quando consigo concretizar as ideias. Acho que um dia Clarisse e eu vamos fazer algo incrível juntas, apesar de não termos grana e estarmos fora desse eixo Rio/São Paulo, onde tudo parece estar concentrado. Enviei para ela a minha tradução da carta que você escreveu e ela se comoveu tanto quanto eu. E foi a partir dessa conversa que tivemos a ideia de dar continuidade a essa política epistolar que você propôs. Adoro compartilhar coisas com Clarisse, ela é uma gênio. Tudo que ela faz, para mim, é poesia. Até os tweets que ela posta.

Bom, Fer, espero que você esteja bem apesar de toda essa loucura que está acontecendo no mundo. Digo isso, mas nem sei o que significa estar bem. Acho que nós todas merecemos ser felizes e vamos conseguir. Continuo acreditando. E torço para que você tenha sorte no amor. Torça por mim também. Eu não sei terminar uma carta, acho que nunca escrevi uma tão longa. Queria saber terminar como você termina seus poemas, com um verso tão lindo e arrasador. Mas, infelizmente, ou felizmente, não sou poeta.

Um beijo,

com muito carinho,

Eduarda Rocha.

2020

## ***Para que o amor e a política funcionem devemos ser valentes***

para Roberto Jacoby, na Bienal de São Paulo

Tradução: Eduarda Rocha

Buenos Aires, 4 de setembro de 2010

Olá, eu sei que não nos conhecemos. Ah... antes de mais nada, meu nome é Fernanda. Eu moro em Buenos Aires, na cidade, em um bairro muito lindo chamado La Paternal. Bah... eu acho muito lindo e as pessoas que vêm a minha casa, para me visitar, também acham. É que o bairro tem muitas árvores (para o que há em uma cidade) e ruas largas de pedra e calçadas largas e as casas são bastante baixas e as pessoas ficam muito na calçada e porque é o bairro das oficinas mecânicas. Onde se consertam carros e vendem peças. E eu adoro as oficinas cheias de óleo, gosto do sujo, me fascinam suas ferramentas... enfim. Esse é meu bairro e esta sou eu.

Mesmo que você não me conheça e não me veja, esta sou eu. Toda eu aqui. E o mais louco é que quando já não estiver mais uma parte sequer de mim neste mundo, eu continuarei inteira aqui. E (agora continuo com o que comecei) você é todo o você ao que escrevo, mesmo que não lhe conheça... porque você está lendo e se você não fosse você já teria abandonado a leitura dessa carta ou nem teria começado.

Robe me disse que ficasse atenta se me ocorreria algo para apresentar na bienal em apoio a Dilma. E me pareceu uma ideia ESPETACULAR. Eu, em geral (quase diria em sua totalidade), não gosto das bienais. Não gosto da iluminação, nem dos espaços tããããooooo grandes e essa coisa de algo feito especialmente para uma bienal. Não sei se nesta haverá ou não, mas também não gosto das paredes de gesso. Sabe... faz um tempo que me acostumei às luzes de velas e aos espaços sem vidros. As luzes dicróicas irritam os meus olhos e os refletores e os vidros me parecem muito frios e como sempre os deixam muito limpos. Não gosto que TUDO esteja limpo. Mas achei muito divertido este projeto da brigada internacional argentina, me excita e me faz gostar de uma bienal.

E bom... eu comecei a pensar coisas para fazer (não tantas, estou anêmica, por isso minha cabeça não está funcionando bem) e meio que assim um pouco alucinadas. Mas Roberto cortou as minhas asas e me disse que deveriam ter relação com a política. Ahhhhhhhh... lhe disse. E me lembrei do que aprendi há dois meses, graças a um fracasso pessoal em público (papelão total, péééééssimo) o que é a política. Toda a de-lírica de minhas palavras se viu



fulminada por um radical termo: VOTOS (não botox). E não pensem que me ofendi ou disse... *ai... olha lá essas aí só pensam em votos*. Não, pelo contrário, entendi a lírica dessa palavra (minha lírica). E foi libertador, me livre de anos de preconceitos e teorias conspirativas de que os partidos só querem controlar minha mente e me levar como uma zumbi a uma urna. Para logo partirem minha cabeça com um machado e me jogarem por aí. Não... entendi algo contrário, que um voto é uma minicarta com uma mensagem, com uma proposta. Que essa minicarta se mete em um darkroom para esperar ser aberta e dizer algo único e mágico. Essa minicarta, essa parte de mim, é a que não tem nome. Carrega uma mensagem muito concreta de algo que importa à parte de mim que são todos. Por isso, não importa quem sou eu. Eu sou igual a qualquer pessoa. Todos perdemos nossos sobrenomes, nossas muitas ou poucas posses econômicas, nossas carreiras ou estudos, etc., para nos fundirmos em um único corpo fantástico coletivo. E que lindo! Agora que escrevo isso é a primeira vez que penso a respeito. Ser um envelopezinho sem nome cheio de desejos. Porque uma cédula é um desejo.

Aqui na Argentina temos Cristina como presidenta. E vou lhes confessar que, a princípio, me dava tanto medo acreditar nela. Até este momento, sempre havia votado na esquerda mais “crítica”, porque em um ponto muito inconsciente acreditava que nunca iam me decepcionar, por isso, quase sempre, votei em partidos que não elegeram nem um deputado. Mas nas eleições passadas sabia que teria que apostar no projeto que vinha impulsionando a Frente para a Vitória. Que deveria dar mais tempo a um projeto para que fizesse mudanças radicais que nos assegurassem não ser tão facilmente derrubados como país. Bom, tinha que escolher... outra confissão é que eu, mesmo duvidando de tudo (uma paranoia também construída pelos meios), me apaixonei pela cara da candidata. Eu a achava linda (nunca havia confessado a ninguém). Bastava um pôster circular pelas ruas, era o suficiente para me alegrar a cada quadra com o seu rosto. E esse rosto – para que não pensem que sou uma idiota – me transmitia algo muito mais importante. Que ela era o que logo foi. Uma mulher inteligente, sensível, comprometida, trabalhadora, com ideais de liberdade e integração. E hoje que ela concretizou projetos incríveis, inimagináveis, no momento em que votei nela, para minha mentezinha duvidosa e descrente, estou feliz de ter confiado em meus sonhos e de ter colaborado com meu voto para que tudo isso acontecesse. Bom... não sei se sabem... o casamento igualitário (vocês podem vir casar aqui), a nova lei de meios de comunicação, projetos de educação, o benefício universal por filho, a economia melhorou, a aposentadoria para as donas de casa (minha mãe está feliz da vida), etc., etc.

Há 15 dias... vocês não sabem... me apaixonei. Tremo inteira quando escrevo... por alguém... que não posso dizer (mesmo morrendo de vontade de contar tudo, porque vocês vão gostar assim como eu). Mas só digo uma coisa... por meu melhor amigo (Robe não tenha ciúmes, se houvésemos nos

apaixonado teria dito o mesmo). Não acreditam? Eu também não. Mas o que quero dizer com isso é que apesar de estar convencida do que sinto por ele: TENHO PÂNICO DE QUE NÃO DÊ CERTO. Então, se no amor acontece, como não vai rolar que tenhamos medo de que um candidato nos decepcione? Mas para que o amor e a política funcionem devemos ser valentes. É preciso ser muito valente para confiar. É preciso ser muito valente para confiar em nossos desejos de felicidade. Por que não dizer isso? Eu desejo ser feliz... e vou conseguir. O coração é uma caixa de sonhos, desejos. Todo tipo de desejos, os que nos levam a uma cilada e os que nos conduzem a situações maravilhosas. E debaixo de todos esses desejos, colados na parede do músculo, está a crosta dos desejos mais bonitos. A felicidade, a paz, o AMOR total (tudo isso entendido como festa louca).

Bom... isso está sendo muito longo... é que me animei... e aqui... Aí vem: Dilma. Para mim, ela é super importante. Quero dizer que muitos de nós, argentinos, pensamos nisso. Há 10 anos, para nós, era impensável ver a América do Sul unida e tão forte. Defendendo valores quase utópicos. E Lula, muito esperto, teve um papel fundamental. Digo... não quero lhes contar o que mudou no Brasil... porque imagino que muitos vão pensar: o que merda você sabe? E têm absoluta razão. Eu não sei de quase nada... mas sou intuitiva como uma gata (:o). Olha só... eu vejo... Olha só o que é o Brasil... um dos países mais lindos do mundo e agora tão, tão forte. Antes nos fazíamos de superiores, agora também, mas com um pouquinho mais de discrição. É como se o Brasil – país político – tivesse se colocado à altura de sua paisagem. À altura desses morros cheios de vegetação incontrolável, desse mar mais lindo que não sei o quê, que parece que é infinito. Vejam o que é seu litoral... um monstro de milhares de quilômetros de beleza arrasadora. A música que têm, que te põe em um segundo a flutuar pelo cosmos do presente, as pessoas tão, tão... assim... São incríveis. Eu não sei de nada, mas estive no Brasil muitas vezes e acredito que o PT capitalizou as estações da chuva, o calor (não sei como fazem para suportá-lo) de derreter do Brasil e toda a sexualidade da selva. Até dos pântanos levou muito... esses também deram a letra ao PT para que desse essa coisa sóbria ao Estado. Vejam bem... A Argentina é linda e quase posso lhes dizer que meu país preferido é o Uruguai. E para demonstrar meu amor ao Uruguai não encontro nem um quarto dos motivos que encontro no Brasil para ser o campeão.

É tão difícil viver... isso todos já sabemos, não é necessário nem estar informado para sentir. E morrer? Um MISTÉRIO que... não pensemos nisso agora, não é mesmo?

Eu, na verdade, não tenho muita ideia sobre Dilma... vi uns videozinhos pelo YouTube e acho que: ah, ela é linda também! Não. Eu digo brincando por mais que seja linda. Um candidato é uma parte de um projeto. Não se esqueçam do que lhes disse do mar... esse mar vai se tornar muito maior quando der a volta na parte que nos toca no continente. Dilma é muito valente e esteve presa

vários anos, antes de se formar como economista (gênia), ser secretária da fazenda de cidades como Porto Alegre – que nome lindo – e ser ministra da Energia (alegria) de um país gigantesco como o Brasil. E além disso... não sabem como é lindo ter uma presidenta mulher que te surpreende cada vez com uma roupa diferente e muda de penteados. Aqui a Cristina e, em geral, a todas nós, dizem que somos frívolas, que gastamos dinheiro em roupa (?), etc. Nos dizem de tudo. Todas as palavras péssimas estão dirigidas a nós. Um bruxo é algo bacana... uma bruxa, sai de perto! Mas vejam... um dia pensei... se houvesse uma greve de mulheres seria o fim do mundo. Se as mães não dessem de mamar aos bebês, o que aconteceria? De certa forma, aceitamos ser escravas das crianças, a favor do bem comum, pelo futuro. Por isso, nos custa tanto reivindicar, porque sempre estamos fazendo, fazendo, fazendo, fazendo... por isso... bom. Enfim... vou deixando vocês por aqui, porque o fernet com coca está começando a me pegar.

Eu escrevi essa carta e a verdade é que me diverti muito fazê-la. Nesta segunda, vou com Mariela comprar as folhas que estão aqui sobre a mesa. Escolheremos as mais lindas (para nosso gosto), também uns adesivos, lápis de cor, hidrocores e um desodorante bem cheiroso (também para nosso gosto). Para que, se vocês quiserem, possam escrever uma carta dirigida a mim, ao você sem nome que nossa cabeça necessita para não se sentir sozinha. Vamos escrever sobre política, política epistolar. Política de nosso coração com todas as dúvidas e medos que isso implica.

Ai... me desejem sorte no amor. Vejam que tenho 38 anos... quer dizer... não sei. Quer dizer, não lhes pedi nada e, na verdade, tenho 20. Me entendem, não? Bom, de qualquer maneira, me desejem sorte. Ainda assim, apesar de tudo que vivi, me considero uma pessoa de sorte (isso é uma citação de um amigo). Porque me sinto nova para tentar tudo. Para acreditar no que eu quiser. É fácil acreditar com o coração punk de uma pessoa de vinte. Aos 40... vamos que somos jovens! Que nossos países são jovens, que, apesar de tudo o que lhes aconteceu, somos países com sorte, porque ainda temos a imaginação e a força para concretizar algo esplêndido. Porque nossos países ainda acreditam na felicidade, na beleza da natureza, na arte, na música feita com um violãozinho por qualquer pessoa em uma praça.

Mando um beijo enorme para vocês,

Com muito amor.

Fernanda Laguna



*Se alguém quiser dar continuidade a essa política epistolar, pode escrever para nós.*

*Vamos falar sobre amores, política, poesia, medos, ansiedades, astrologia, traduções e o que mais nos der vontade. Adoraremos receber cartinhas de vocês! Até a próxima (ou não)!*

*Editoras: Clarisse Lyra e Eduarda Rocha*

*Contato: [clarisse.lyra@hotmail.com](mailto:clarisse.lyra@hotmail.com)*

*[eduardarochagois@gmail.com](mailto:eduardarochagois@gmail.com)*